

Planejamento docente na era digital: o uso de recursos educacionais abertos

Teacher planning in the digital age: the use of open educational resources

Adriana de Oliveira¹
Raquel Gitahy²

Resumo

A presente pesquisa teve como objetivo analisar o processo de incorporação de recursos educacionais abertos no planejamento docente em uma escola municipal do interior do estado de São Paulo. A metodologia consistiu em abordagem qualitativa baseada em pesquisa-formação na cibercultura. Foram participantes da pesquisa dez docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados um questionário para coleta do perfil dos participantes e uma roda de conversa para a compreensão dos saberes e fazeres docentes sobre a temática do planejamento do processo de ensino e recursos educacionais abertos. Estes instrumentos subsidiaram a criação de um programa de formação docente. A análise dos dados foi realizada por meio de leitura dos dados, cotejando-os a luz do referencial teórico, com a criação do eixo de análise a escolha dos recursos educacionais no planejamento docente. A análise permitiu afirmar que, na escolha de recursos educacionais, há de se respeitar as licenças de uso, primando pelos recursos educacionais abertos.

Palavras-chave: Formação docente; Planejamento pedagógico; Recursos educacionais abertos.

Abstract

The aim of this research was to analyze the process of incorporating open educational resources into teacher planning in a municipal school in the interior of the state of São Paulo. The methodology consisted of a qualitative approach based on research-training in cyberculture. Ten teachers from the early years of elementary school took part in the research. The data collection instruments used were a questionnaire to collect the profile of the participants and a round table discussion to understand the teachers' knowledge and actions on the subject of planning the teaching process and open educational resources. These instruments helped to create a teacher training program. The data was analyzed by reading the data and comparing it to the theoretical framework, creating the axis of analysis of the choice of educational resources in teacher planning. The analysis made it possible to affirm that, when choosing educational resources, licenses must be respected and open educational resources must be prioritized.

Keywords: Teacher training; Pedagogical planning; Open educational resources.

¹ Mestre em Educação pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE). Diretora da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIF) Prof. João Leão de Carvalho. E-mail: adriana_oliveira_07@hotmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professora da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE) e da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS). É avaliadora de cursos de Graduação de Direito (presencial) e Pedagogia (presencial e EAD) do INEP. E-mail: raquelgitahy.rg@gmail.com

1. Introdução

As tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) apresentam-se, cada vez mais, como parte do cotidiano das pessoas, contribuem fundamentalmente com a crescente globalização e influenciam, em especial, no comportamento humano. Elas mantêm as pessoas mais conectadas, comunicando-se, mesmo a quilômetros de distância e viabilizam o aumento do consumo de informações e conteúdos diversos em virtude da facilidade e instantaneidade do acesso às tecnologias digitais.

Diante desse cenário, surgem novas formas de organização social, de interação entre as pessoas e de consumo de informações. A educação, assim como outras esferas sociais, está inserida neste contexto e precisa acompanhar as mudanças ocorridas na sociedade. O ser humano não aprende mais como antigamente. Hoje, por causa do excesso de informações disponíveis a qualquer momento, é necessário que a escola desenvolva conhecimentos e habilidades, capacidades e qualidades para o exercício autônomo, consciente e crítico da cidadania. Pensando neste contexto, a presente pesquisa nasceu da questão: Como incorporar os recursos educacionais abertos no planejamento docente? Tal pergunta se justifica pois para que o docente possa conduzir da melhor forma o processo de ensino e de aprendizagem, poderá utilizar diversos recursos, dentre eles os Recursos Educacionais Abertos (REA), que são materiais de ensino disponibilizados a partir de licenças de uso creative commons. A partir deste questionamento nasceu o objetivo geral de analisar o processo de incorporação de recursos educacionais abertos no planejamento docente em uma escola municipal do interior do estado de São Paulo.

Para apresentarmos o caminhar da pesquisa a fim de atingir o objetivo proposto, escrevemos o referencial teórico, focando na temática do docente e seu ato de planejar na era digital com recursos educacionais abertos, a metodologia com a abordagem da pesquisa, a descrição dos participantes, o detalhamento de como foi a intervenção e a análise da mesma a partir do eixo a escolha dos Recursos Educacionais Abertos no planejamento docente.

2. O docente e o ato de planejar com recursos educacionais abertos na era digital

A implantação e o uso das tecnologias digitais nas escolas públicas brasileiras, bem como a aquisição dos materiais necessários, ocorrem mediante políticas públicas e de formação continuada destinada aos professores da Educação Básica. A esse respeito, Silva (2011) considera que, para a plena conquista da cidadania, o indivíduo precisa ter acesso às ferramentas digitais. Portanto, é imprescindível refletir sobre qual é o lugar que as tecnologias digitais assumem no currículo escolar e buscar integrá-las efetivamente ao planejamento docente, sobretudo no que tange à alfabetização e ao letramento, e às práticas pedagógicas, sem negligenciar os conhecimentos prévios dos estudantes.

Quando se fala do papel das tecnologias digitais na educação e da necessidade dessa inserção para que a realidade do ensino ganhe novos contornos e acompanhe as necessidades sociais, é imprescindível discorrer sobre planejamento docente. É no planejamento que o docente programa e alinha os conteúdos e os objetivos de aprendizagem. O ato de planejar não é um privilégio exclusivo dos profissionais da área da educação. Planejar é inerente a toda atividade humana, seja ela simples ou mais elaborada.

Lembramos que realizar planos e planejamentos educacionais e escolares significa exercer uma atividade engajada, intencional, científica, de caráter político e ideológico e isento de neutralidade. Planejar, em sentido amplo, é um processo que visa dar respostas a um problema, através do estabelecimento de fins e meios que apontem para a sua superação, para atingir objetivos antes previstos, pensando e prevendo necessariamente o futuro, mas sem desconsiderar as condições do presente e as experiências do passado, levando-se em conta os contextos e os pressupostos filosófico, cultural, econômico e político de quem planeja e de com quem se planeja (Padilha, 2001, p.63).

O planejamento é o instrumento inicial da prática docente, sua base, pois se trata de um processo racional, e é necessário para atingirmos o desenvolvimento do estudante e um ensino de qualidade. Nele, inclui-se não somente a organização e coordenação das atividades didáticas pretendidas no decorrer do processo de ensino e de aprendizagem, mas também os objetivos pretendidos. O planejamento é, portanto, uma programação da ação docente com objetivos claros, porém não engessado e estático, mas sim flexível e mutável.

Por essa razão o planejamento, é uma atividade de reflexão acerca das nossas opções e ações; se não pensarmos didaticamente sobre o rumo que devemos dar ao nosso trabalho, ficaremos entregues aos

rumos estabelecidos pelos interesses dominantes da sociedade (Libâneo, 1994, p. 222).

Para isso, o planejamento docente precisa ser flexível, dinâmico e realizado em conjunto, pois é um documento que indica ações que impactam diretamente toda a comunidade escolar.

Ao tratar de integração do uso de TDIC na sala de aula, o planejamento docente precisa ser repensado, pois, assim, é possível um novo olhar sobre o contexto.

Embora a integração tecnológica seja geralmente entendida como a existência de tecnologia nas salas de aula, na verdade, o principal problema deve se concentrar em como será essa inclusão da tecnologia ao processo de ensino às experiências de aprendizado e ao currículo (Silva, Bilessimo; Machado, 2021, p.3).

Portanto, não é possível se estabelecer uma relação entre tecnologias digitais e educação sem uma ligação orgânica entre estas duas dimensões com os saberes edificados ao longo da vivência dos estudantes, como destaca a competência geral 5 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (Brasil, 2018).

É necessário que, de fato, o conhecimento digital seja incorporado na prática pedagógica e colocado a serviço do processo de ensino e de aprendizagem, sendo que, para isso, é essencial que seja integrado ao planejamento docente, pois este é um instrumento que dá suporte à prática pedagógica do professor.

Quando falamos de novas tecnologias e educação escolar, falamos de seres humanos – professores, alunos e comunidade – que se relacionam com e através dessas ferramentas, sem negligenciar os saberes edificados ao longo de suas vivências (Vilaça. Araujo, 2016, p.165).

Isso significa inovar e ressignificar o planejamento e repensar a prática pedagógica, para que possibilite o atendimento às demandas da sociedade contemporânea, considere as vivências dos estudantes e promova a democratização do acesso dos estudantes ao mundo digital. Para Araripe e Lins (2020, p. 43), “ao mesmo tempo, essa mudança deflagra a necessidades de um olhar especial e de uma

formação atualizada do corpo docente, que realizará o efetivo trabalho pedagógico com os estudantes nas salas de aula do país”.

Quando o assunto aborda TDIC e educação, a formação dos professores é uma questão que merece total atenção, pois se trata de um processo importante para desenvolver as habilidades e as competências, não somente dos alunos, mas também dos docentes.

À medida que as TCI ganham espaço na escola, o professor passa a se ver diante de novas e inúmeras possibilidades de acesso à informação e de abordagem dos conteúdos, podendo se libertar das tarefas repetitivas e concentrar-se nos aspectos mais relevantes da aprendizagem, porém, torna-se necessário que o professor desenvolva novas habilidades para mover-se nesse mundo, sendo capaz de analisar os meios à sua disposição e fazer suas escolhas tendo como referencial algo mais que o senso comum (Carvalho, 2023, p. 2).

É fundamental que as tecnologias digitais não sejam utilizadas na educação apenas no papel ou simplesmente como um suporte, relacionando-se de forma exclusivamente técnica. Para que haja aprendizado, é preciso haver significado e internalização não somente por parte dos estudantes, mas também dos docentes. Assim, é preciso que os docentes tenham acesso à formação continuada e, com o auxílio dos gestores, estudem formas de relacionar os componentes curriculares ao contexto digital em seus planejamentos de ensino, para que o ensino se torne cada vez mais significativo e que integre a realidade digital da sociedade contemporânea. Conforme afirma Libâneo *et al.* (2007, p. 309), “o grande objetivo das escolas é a aprendizagem dos alunos, e a organização escolar necessária é a que leva a melhorar a qualidade dessa aprendizagem”. Nesta perspectiva, os professores e os estudantes passam a ser participativos no processo de ensino e de aprendizagem, articulando os seus conhecimentos prévios aos novos saberes aprendidos durante as aulas.

E mais, que garanta aos estudantes ser protagonistas de seu próprio processo de escolarização, reconhecendo-os como interlocutores legítimos sobre currículo, ensino e aprendizagem. Significa, nesse sentido, assegurar-lhes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias, permita-lhes definir seu projeto de vida, tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos (Brasil, 2018, p. 463).

O uso de tecnologias digitais na educação, por sua vez, auxilia na aproximação dos componentes curriculares à realidade, são conhecimentos fundamentais para o

exercício da cidadania, pois ampliam as possibilidades em sala de aula e dinamizam o processo de ensino e de aprendizagem, além de tornar os estudantes mais participativos e, conseqüentemente, mais curiosos e interessados.

De acordo com Moran *et al.* (2000, p. 17):

Alunos curiosos e motivados facilitam enormemente o processo, estimulam as melhores qualidades do professor, tornam-se interlocutores lúcidos e parceiros de caminhada do professor-educador. Alunos motivados aprendem e ensinam, avançam mais, ajudam o professor a ajudá-los melhor.

Incentivar os estudantes a serem protagonistas por meio de um planejamento bem estruturado, que contemple as necessidades da sociedade contemporânea e integre a realidade social dos estudantes beneficia a todos, pois os professores podem cumprir o seu papel de ensinar com mais recursos e autonomia dos estudantes, uma vez que esses estudantes desempenham um papel central em seu próprio aprendizado, aprendendo a resolver melhor os problemas e aplicar o conhecimento, desse modo, aumenta também o entusiasmo pelo aprendizado e o envolvimento.

Planejar com o uso de tecnologias digitais só é possível quando se detém o conhecimento, quando ele faz parte do dia a dia do professor, e quando professor e os estudantes têm a oportunidade de aplicá-lo, renová-lo, reaplicá-lo. Isso significa mudanças na maneira de pensar e agir das pessoas e conscientizar-se disso é um grande passo. Ter consciência de que haverá mudanças no modo como as coisas eram realizadas e serão inseridos novos conhecimentos, muitos deles trazidos pelos estudantes. Não se trata somente de inseri-las no planejamento, no currículo, mas sim de considerar as subjetividades dos estudantes e seus conhecimentos prévios.

[...] não se restringe à transferência e aplicação do conteúdo prescrito em documentos de referência para repassar ao aluno no contexto da sala de aula. O currículo se desenvolve na reconstrução desse conteúdo prescrito nos processos de representação, atribuição de significado e negociação de sentidos, que ocorrem primeiro no momento em que os professores elaboram o planejamento de suas disciplinas levando em conta as características concretas do seu contexto de trabalho, as necessidades e potencialidades de seus alunos, suas preferências e seu modo de realizar o trabalho pedagógico (Almeida; Valente, 2011, p. 15).

É mais do que isso. Trata-se de uma mudança de paradigma metodológico. Os estudantes, que antes não eram os protagonistas do processo educativo, passam a ser. Para isso, o processo pedagógico de planejar deve ser uma construção mais

assertiva e focado nas especificidades de cada estudante, além de incitar a possibilidade de construção de novos estilos de aprendizagem. Planejar, nesse contexto, refere-se a uma ação que transcende as técnicas e que busque recursos diferenciados como imagens, vídeos, textos e outros recursos para serem usados em aulas. Para que suas aulas atendam às especificidades de aprendizagem de cada estudante, o docente pode utilizar diversos materiais disponíveis na *internet*.

No contexto da cultura digital, qualquer pessoa pode ser um criador de conteúdo e compartilhá-lo na rede para que outras pessoas visualizem e façam uso. Porém, não são todos os conteúdos compartilhados em rede que podem ser utilizados, copiados, remixados, mesmo que a fonte seja expressamente citada. Estes são os recursos que estão sob licença *copyright*, ou seja, os direitos de uso e compartilhamento estão reservados unicamente aos autores do material, não sendo permitida a utilização por terceiros sem uma autorização do autor. Assim, os docentes, ao pensarem no planejamento e eleição dos recursos de aprendizagem, precisam atentar-se às licenças, uma vez que há maior liberdade de uso quando são de domínio público ou com licença aberta.

[...] materiais de ensino, aprendizado e pesquisa, fixados em qualquer suporte ou mídia, que estejam sob domínio público ou licenciados de maneira aberta, permitindo que sejam utilizados ou adaptados por terceiros. Os Recursos Educacionais Abertos são como blocos que podem ser conectados por pessoas diferentes, em locais diferentes e modos diferentes, para satisfazer uma necessidade específica do conhecimento (Sebriam, 2013, sp.).

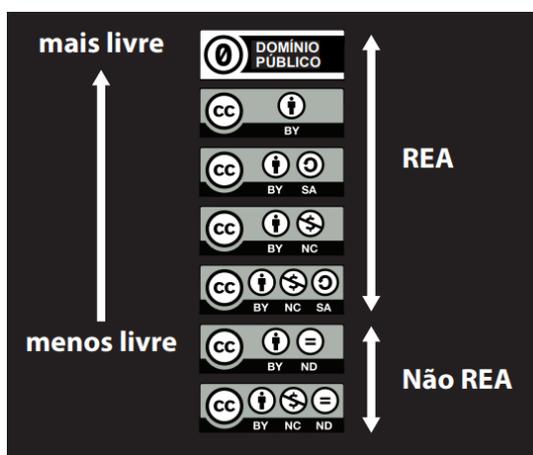
É necessário respeitar as licenças de uso, mas o docente poderá optar por materiais que estejam sob o modelo Creative Commons. Ou seja, em que o próprio autor opta por licenças abertas, garantindo direitos de uso da obra, os chamados REA. O termo REA foi utilizado pela primeira vez em 2002, durante um fórum da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

REA podem ser considerados quaisquer materiais que possam auxiliar no processo de ensino-aprendizagem como aulas, vídeos, áudios, imagens, cursos, artigos [...] desde que estejam disponibilizados sob um tipo de licença aberta (Machado; Cazini, 2019, p. 131).

Os REA são materiais de domínio público em qualquer formato que são destinados ao ensino e à aprendizagem, tendo sido licenciados publicamente para permitir que outras pessoas os utilizem e/ou adaptem. A Figura 1 evidencia recursos

mais ou menos livres, a depender do tipo de licença que possuem. Se no recurso constar a sigla CC, indica que a licença utilizada é Creative Commons.

Figura 1 - As diferentes licenças Creative Commons



Fonte: Stacey (2015).

É importante lembrar que existem diferentes tipos de licenças Creative Commons que indicam as permissões concedidas, ou seja, as formas por meio das quais o usuário poderá ou não utilizar determinada obra. A licença Creative Commons BY (atribuição), indicada pela sigla CC-BY, significa que o usuário poderá utilizar a obra, mas deverá citar o autor responsável e indicar se realizou nela alguma alteração. A licença Sem-derivações (ND) indica que o usuário poderá criar outras obras com base no material, porém não poderá compartilhá-las. A licença Não-comercial (NC), como o próprio nome sugere, indica que o usuário não poderá utilizar a obra para fins comerciais. No caso da licença Compartilha Igual (SA) – do inglês *Share-Alike* – o usuário poderá criar obras derivadas, mas compartilhá-las só é permitido sob a mesma licença original.

Como se tratam de materiais disponíveis em rede para utilização, adaptação, readaptação, os recursos educacionais abertos podem fazer parte do planejamento docente, tendo em vista a elaboração e otimização do planejamento para que este seja direcionado com o propósito de atender ao estilo de aprendizagem do estudante e também criar e orientar estratégias educacionais personalizadas.

3. O rito metodológico

A presente pesquisa é de caráter qualitativo do tipo pesquisa-formação na cibercultura. Para que haja uma compreensão da especificidade dos saberes dos docentes no que diz respeito ao planejamento escolar, foi escolhida a pesquisa-formação, pois esse tipo de pesquisa possibilita oportunidade de mudança da prática, dos sujeitos participantes da pesquisa e do próprio pesquisador. Santos (2019, p. 22) define que “não há pesquisa-formação desarticulada do contexto da docência”, por isso é imprescindível favorecer a prática profissional de forma colaborativa.

O universo da pesquisa aconteceu em uma unidade escolar da rede municipal do interior do estado de São Paulo, situada no município de Assis, envolvendo uma formação para o grupo de docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, ou seja, de 1º ao 5º ano.

Os participantes da pesquisa totalizaram dez docentes que serão denominados como docente A, docente B, docente C, docente D, docente E, docente F, docente G, docente H, docente I e docente J.

A pesquisa envolveu coleta de dados com seres humanos e foi cadastrada na plataforma Brasil, que é a base nacional de registros das pesquisas que envolvem seres humanos para o sistema do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), sendo aprovada na Plataforma Brasil sob o número 66024222.0.0000.5515.

A presente pesquisa-formação busca a incorporação de inovações no planejamento dos docentes. A formação é o grande eixo metodológico e contempla as etapas a seguir descritas.

a) Diagnóstico: o perfil dos participantes e o conhecimento prévio: a pesquisadora iniciou o processo formativo por meio de uma etapa *a priori* intitulado diagnóstico, em que buscou compreender o perfil dos docentes participantes e seus conhecimentos prévios relacionados aos saberes e fazeres docentes sobre a temática do planejamento do processo de ensino e recursos educacionais abertos por meio de um questionário (no *Google Forms*) e roda de conversa inicial.

b) A criação e execução da pesquisa-formação docente: considerando o perfil e as necessidades do saber docente sobre a temática do planejamento, com destaque para as temáticas: o que são Recursos Educacionais Abertos e como podem ser usados; como os recursos educacionais podem ser usados no planejamento docente a partir de licenças de uso.

A formação docente envolvendo o planejamento docente com o uso de REA aconteceu de maneira híbrida, com encontros presenciais e *on-line*, com uso de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Durante o processo de formação realizou-se a observação e foram coletados documentos produzidos, tanto nos momentos presenciais quanto no AVA, tais como portfólio de registros realizados durante as interações entre os participantes na formação, entre outros, que foram objeto de análise.

4. Resultados e análise dos dados

Nesta seção trazemos a explanação dos primeiros dados coletados, questionário de diagnóstico com o perfil dos docentes participantes, bem como seus conhecimentos prévios acerca das temáticas abordadas na pesquisa. Em seguida, explicamos o processo de criação e intervenção com a execução do programa de formação docente.

4.1 Diagnóstico: o perfil dos participantes e o conhecimento prévio

Primeiramente, foi explicado aos docentes sobre a garantia de confidencialidade e anonimato, caso aceitassem participar da pesquisa, bem como os objetivos do curso de formação. Inicialmente, na etapa de diagnóstico, foi realizado um questionário no *Google Forms* para coletar dados acerca do perfil dos participantes.

Os dados mostraram que 20% dos docentes têm idade entre 20 e 30 anos; outros 20% têm idade entre 31 e 40 anos. A maioria dos docentes apresenta idade entre 41 e 60 anos e relataram ter certa dificuldade com o uso das tecnologias digitais disponibilizadas pela escola e pela Secretaria Municipal de Educação, embora tenham participado de inúmeras formações teóricas sobre o assunto. Segundo Valente, Freire e Arantes (2018, p. 132), “A década de 1990 foi um período de grande disseminação e formação de educadores para o estudo da então denominada informática educacional”.

Em relação à formação acadêmica dos docentes participantes e suas funções, foram coletados os seguintes dados: todos os docentes possuem Graduação e Pós-graduação *lato sensu* e nenhum dos docentes possui Mestrado e Doutorado, todos exercem a função de Professor de Educação Básica I.

Quanto aos dados coletados sobre o tempo de serviço de cada docente participante na Unidade Escolar revelou-se que 20% dos docentes exercem a função de Professor de Educação Básica I entre 2 e 5 anos; 30% dos docentes exercem a profissão há mais de 10 anos na mesma Unidade Escolar e a metade dos docentes exercem entre 6 e 10 anos na mesma Unidade Escolar.

Após os docentes participantes responderem ao questionário no *Google Forms*, cujos resultados têm sido descritos, os mesmos foram dispostos em círculo e foi entregue um crachá para identificação com letras – docente A, docente B, e assim por diante – para facilitar a organização da coleta e descrição dos dados, e então responderam a um questionário para a identificação de conhecimentos prévios sobre os saberes e fazeres docentes acerca da temática do planejamento do processo de ensino e recursos educacionais abertos.

A primeira questão a ser realizada na roda de conversa foi: “O que você entende por planejamento do processo educativo?”. As respostas obtidas mostraram que os docentes têm a ideia de que o planejamento contempla, em grande parte, o papel, ou seja, mais o documento escrito, que a prática propriamente dita.

Docente B: O planejamento e replanejamento é uma dinâmica que fazemos todo ano para organizar e sistematizar os conteúdos e habilidades a serem trabalhados em cada ano/série. Então, por exemplo, quando as aulas presenciais voltaram, no período pós-pandemia, eu sabia que meu planejamento não seria o mesmo, pois eu teria uma sala de 4º ano do Ensino Fundamental com nível de aprendizagem bem abaixo do esperado.

Docente A: Planejamento é o documento que professor organiza, juntamente aos outros professores do mesmo ano/série, os conteúdos que deverão ser trabalhados em um determinado período de tempo. Mas, é claro que cada sala de aula tem a sua demanda e, como o planejamento é flexível, por isso vou reconduzindo da maneira que sente a necessidade de sua turma.

Docente G: Quando pensamos em processo, saber que se trata de algo que é construído, e essa construção é flexível, podemos ir e voltar a rever os erros e os acertos, verificando, modificando e diversificando as estratégias quantas vezes forem necessárias e também entra a questão da adaptação. Muitos alunos precisam que as atividades sejam adaptadas. Como ficamos muito tempo com o mesmo livro didático, acabamos decorando o livro, as sequências didáticas do livro, então, para nós, acabam deixando de ser um desafio ficar somente nisso, portanto, busco materiais de apoio. Mas para as crianças, em cada ano é diferente, o livro é um desafio. Eu gosto de ver como eles encaram como um desafio.

Docente A: Vale lembrar que temos apenas um ou dois dias para pensar em todo o planejamento ou replanejamento do semestre. Só quem é professor sabe o quanto é corrido e burocrático. Para que esse monte de papel? Tinha que ser possível, de alguma forma, enxugar a quantidade de documentos que são exigidos do professor.

Docente G: *Acaba sobrando menos tempo que o esperado para planejarmos atividades e isso faz toda a diferença.*

Docente B: *O que acontece também é de levarmos essa demanda para casa, pois o que não dá tempo de ser feito aqui, pesquisamos em casa.*

Diante das argumentações supracitadas é possível perceber que os docentes têm em mente que o planejamento é flexível e que podem e devem reorganizá-lo para atender às demandas pedagógicas de suas turmas e que, embora utilizem os livros didáticos por muitos anos, sempre buscam atividades diversificadas para complementar as suas aulas e que consideram, ao mesmo tempo, que é um processo burocrático e com inúmeras exigências, requer preenchimento de muitos documentos e planilhas e que isso diminui o tempo que utilizam pesquisando e preparando atividades. Tendo em vista esta situação, precisam complementar seu planejamento em suas casas.

A segunda pergunta norteadora foi: “Em quais pontos o planejamento é importante para o seu trabalho? ”. Quando questionados sobre a importância do planejamento, observou-se que entendem e consideram a singularidade de aprendizagem dos alunos, citando, mais uma vez, a flexibilidade do planejamento.

Docente B: *É importante para organizar e prever as ações pedagógicas e isso torna o ensino-aprendizagem mais significativo.*

Docente A: *O planejamento permite pensarmos em como contemplar a aprendizagem do aluno, pois nem todo mundo aprende do mesmo jeito. Ano passado eu tive uma turma que gostava muito de escrever, a turma toda. Então o produto final de todos os projetos feitos durante aquele ano letivo, foram produções escritas. Precisei mudar o meu planejamento devido a uma demanda da minha turma. Fizemos até um jornal da escola.*

Docente F: *Planejo para tudo e não somente para o meu trabalho. Acho que o planejamento deveria ser revisto, começando lá de cima. O que é cobrado é muito injusto, enviam demandas para serem cumpridas muito em cima da hora, não temos um tempo hábil para estudar e nos apropriar para oferecer qualidade ao nosso aluno.*

Nas duas respostas percebe-se que os docentes se preocupam com as necessidades de suas salas de aula, observam isso e reajustam no decorrer do processo de ensino e de aprendizagem para atender às necessidades de aprendizagem da turma.

A terceira questão norteadora foi: “O que dá vida ao seu planejamento? ”. Em todas as respostas os docentes citaram os estudantes e suas necessidades de

aprendizagem. A docente L relatou que, dependendo da atividade, ela precisa utilizar uma referência pesquisada no Google, pois seus alunos têm certa dificuldade em criar algo novo, seja um desenho, seja uma produção textual.

Docente C: O aluno, seus conhecimentos prévios, suas dificuldades, toda a bagagem que ele carrega em si, suas vivências. O professor planeja para o aluno, para que ele aprenda. Esse é o foco do trabalho pedagógico.

Docente L: Trabalho muito com o material Currículo em Ação, mas também procuro muitas coisas no Google, depende do tipo de atividade que vou propor. Percebo que meus alunos, se eu não der uma referência, eles não conseguem realizar a atividade. Eles não conseguem criar a partir do nada, como um desenho, uma produção textual.

A quarta questão norteadora foi: “Em quem você pensa durante a realização do seu planejamento? ”. Todos os docentes responderam que pensam nos alunos, nas suas dificuldades. A docente E relatou que pensa nos alunos e, sobretudo em suas dificuldades, que seus alunos estão tendo dificuldade para interpretar, associar, criar, e ela associa esta dificuldade ao uso da tecnologia, pois esta contém informações em demasia, de forma instantânea.

Docente E: Penso nos alunos, mas principalmente nas suas dificuldades, pois sinto que nos desdobramos para trazer atividades diversificadas, mas o desinteresse é muito grande. Competimos com a tecnologia, que é rápida, dinâmica e multifacetada. Os alunos estão tendo dificuldade para interpretar, associar, criar, pois na reunião de pais, os pais me relataram que eles ficam muito tempo no celular. O uso excessivo e descontrolado de telas ceifa a criatividade da criança.

Docente A: Existem prioridades de aprendizagem para que a pessoa possa usar a tecnologia de forma crítica. O uso desenfreado prejudica o desenvolvimento da criança.

A quinta questão norteadora foi: “O seu planejamento faz sentido? Em algum momento você sentiu que não fazia? ” Alguns docentes hesitaram em responder. Os docentes com mais tempo de experiência relataram que, quando sentem que o planejamento não faz sentido, eles modificam, pois, o planejamento é flexível e podem alterá-lo sempre que necessário para atender da melhor forma à demanda de aprendizagem dos estudantes.

Docente H: Quando sinto que o que planejei não faz sentido mais naquele momento, reorganizo quantas vezes forem necessárias para que meu trabalho possa ter sentido.

Docente I: Faz sentido quando planejado em conjunto, com acompanhamento da Coordenadora Pedagógica, dos demais colegas do mesmo ano/série, utilizando todos os materiais que devemos usar no decorrer do ano letivo. Isso, muitas vezes, não acontece, pois, este ano, como houve troca de materiais, eles chegaram para nós após o planejamento e não tivemos tempo hábil ainda para sentarmos todas juntas para planejar com base no material.

Docente D: *Sim, no momento em que meus alunos demonstram desinteresse, não prestam atenção, brincam, não se esforçam. Nestes momentos sinto que o planejamento não faz sentido.*

O material que a docente I menciona em sua resposta é uma nova aquisição da Secretaria Municipal de Educação, que foi efetivada no final de 2022, para ser utilizado já no ano letivo de 2023, porém houve um pequeno atraso na logística de entrega, que foi resolvido logo após o início das aulas.

A sexta questão foi: “Você acha que seu ato de planejar precisa melhorar? Se sim, em quais aspectos? ”. Nessa questão, observou-se que os professores mais novos se expressaram.

Docente J: *Sim, pois enquanto profissionais estamos em aperfeiçoamento constante. Não tem como dissociar o ato de ensinar do ato de aprender, aprendemos na medida em que ensinamos e ensinamos enquanto aprendemos.*

Docente A: *Aperfeiçoar é sempre bom. Aprendo me aperfeiçoar como profissional muito no convívio e na troca de ideias pedagógicas com meus colegas de trabalho, embora não tenhamos muito tempo para isso. Gostaríamos de ter mais tempo, principalmente nos planejamentos e replanejamentos, onde o tempo é muito curto e a burocracia é grande.*

Docente C: *Sim, precisa melhorar. Preciso ter mais tempo para estudar as habilidades, estratégias para que meu aluno aprenda. Nós, professores, não planejamos o que realmente queremos dar, o que realmente sentimos a necessidade em nossa sala, pois temos um material a ser seguido, muitas vezes não concordamos com o que está nesse material, os projetos são demandados para que nós executemos muito em cima da hora e não temos tempo hábil para estudá-los.*

A sétima questão norteadora foi: “Ao planejar, quais são as estratégias de ensino que você usa para facilitar a aprendizagem dos estudantes? ”. Nesta questão, os docentes relataram muito de suas práticas, como diversificam suas aulas e maneiras de apresentar os conteúdos aos estudantes.

Docente A: *Procuro trabalhar muito com jogos e dinâmicas na roda. Sempre início a minha aula com roda, mesmo trabalhando com o 1º ano do Ensino Fundamental, pois diversifico o trabalho neste momento, de forma mais palpável como alfabeto e numeral móvel de madeira, material dourado, livros-vivos e tudo isso é muito produtivo, tendo em vista também que tenho um aluno com deficiência visual na sala.*

Docente H: *Trabalho com projetos. Tanto os da Unidade Escolar como também o que proponho para minha turma. Por exemplo, neste momento estamos trabalhando o sistema cardiovascular no Livro Didático de Ciências e estamos desenvolvendo um projeto em cima desse conteúdo.*

Docente I: *Utilizo agrupamentos produtivos e material concreto todos os dias em minhas aulas, principalmente no componente curricular Matemática, para que os*

alunos desenvolvam o pensamento lógico-matemático primeiro no concreto, depois no abstrato.

Docente B: Minhas estratégias são totalmente tradicionalistas. Utilizo tudo o que aprendi com a cartilha Caminho Suave, Cartilha Sodré, pois acho que esses materiais novos de agora não alfabetizam e eu trabalho dessa forma, tradicionalista.

A oitava questão norteadora foi: “Como você escolhe recursos educacionais para compor o planejamento? ”. Os recursos educacionais servem para auxiliar o trabalho do professor e a aprendizagem do estudante. Nesta questão, os professores disseram que são muitos os recursos educacionais disponibilizados e que utilizam sim, mas, muitas vezes, têm dificuldades em escolher o melhor para trabalhar com os estudantes.

Docente H: Temos as lousas digitais com internet que são nossas aliadas nas aulas. Projeto o livro didático nela e vou trabalhando junto com os alunos. Temos a possibilidade também de usar os links disponíveis nos materiais, o que não era possível antes das lousas.

Docente L: Os recursos educacionais são muitos, até demais. Mas o mais difícil nisso tudo é suprir a defasagem de aprendizagem de um 3º ano, por exemplo, que tem nível de 1º ano, nesse período pós-pandemia.

A nona questão norteadora foi: “Você já ouviu falar em recursos educacionais abertos (REA)? Comente”. A grande maioria dos docentes participantes disse que já ouviu falar dos REA.

Docente A: Já sim. No nosso material, tanto no livro do professor, como no livro do aluno, vem com sugestões de Recursos Educacionais Abertos para serem trabalhadas ao final de cada unidade temática. Contém algumas sugestões de imagens, vídeos, jogos da internet que podemos utilizar nas aulas.

Docente I: Nunca ouvi falar. Como é a primeira vez que dou aula na rede pública, ainda não estou totalmente familiarizada com os materiais.

O material ao qual a docente se refere é o livro adotado pela rede que contém indicações, no final de cada unidade, de materiais auxiliares, e, no livro do professor contém explicações das sequências didáticas, descrição detalhada das habilidades, nas quais os docentes se embasam para planejar suas aulas. Este material, que é utilizado pela Secretaria Municipal de Educação, vem com um *box* ao final de cada unidade com sugestões de recursos de cada assunto trabalhado, que podem ser utilizados pelos docentes em suas aulas.

4.2 A criação do programa de formação docente

O programa de formação docente foi estruturado no Trello, e intitulado Recursos Educacionais Abertos e Planejamento Docente, com o objetivo de promover a reflexão em conjunto sobre como os recursos educacionais abertos podem fazer parte do planejamento docente, bem como entender mais sobre as suas estruturas e modelos, por meio de um questionário no *Google Forms* com questões referentes às licenças de uso, direitos autorais e domínio público, conforme expressa a Figura 2.

Figura 2 - Recursos Educacionais Abertos e Planejamento Docente

Recursos Educacionais Abertos e planejamento docente

Olá, queridos docentes! Vamos lembrar que no Módulo II falamos sobre o Design Centrado no Ser humano. Já conhecemos mais profundamente para quem realizamos o planejamento: o estudante. Ou seja, já fizemos uma parte da tríade que é o ato de ouvir.

Agora vamos criar e esta criação deve respeitar as licenças e deve se primar por Recursos Educacionais Abertos. Neste módulo vamos conhecer mais os Recursos Educacionais Abertos (REA) são materiais de domínio público em qualquer formato que são destinados ao ensino e à aprendizagem, tendo sido licenciados publicamente para permitir que outras pessoas o usem e/ou adaptem. Agora, vamos responder questionário sobre o assunto? Aceso: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScgspn7ArvN0CfMbsa4>

Após responder o questionário, assistam aos videos abaixo sobre o assunto: REA Licenças Repositórios.

Onde Encontrar REA?

- Repositórios
- Portais
- Sites
- Blogs
- Bibliotecas Digitais

REA Licenças Repositórios

Video sobre Recursos Educacionais Abertos

Fonte: Trello

4.3 Intervenção: a execução do programa de formação docente

Na formação foram abordados os tipos de licenças de uso dos REA. Os docentes participantes responderam ao questionário no *Google Forms* sobre licenças de uso livres e restritas, direitos autorais e domínio público. A primeira questão foi: “Você sabia que os Recursos Educacionais Abertos assumem o uso de licenças livres ou mais restritivas? ”. Dos 10 docentes que responderam ao questionário, 8 indicaram que sabiam sobre as licenças de uso do Recursos Educacionais Abertos e 2 assinalaram que não sabiam.

Um dos assuntos que a formação contemplou foi a licença de uso dos Recursos Educacionais Abertos, solicitando que escrevessem sobre a importância de saberem sobre as licenças de uso.

A questão 2 foi: “Você sabe o que são direitos autorais? ”. As respostas dos docentes variaram como mostramos abaixo

Docente A: *É o direito que o criador tem sobre sua obra.*

Docente B: *São responsabilidades que a pessoa que cria determinado conteúdo tem sobre ele, bem como os direitos.*

Docente C: *Direitos dos autores.*

Docente D: *É regido por lei, os direitos de uma pessoa que cria algo, de ganhar ou usar a criação da maneira que ele quiser.*

Docente E: *Vou explicar com um exemplo: uma música que foi composta e gravada por um cantor, só ele tem o direito de ganhar dinheiro com ela e outro cantor não tem.*

Docente F: *São direitos que o criador tem sob determinada obra criada por ele.*

Docente G: *Direitos autorais, como o próprio nome diz, é o direito dos autores. A J.K. Rowling, por exemplo, tem direitos autorais sobre o personagem Harry Potter.*

Docente H: *São os direitos dos autores.*

Docente I: *Cada autor tem direito autoral sob o que ele criou. Isso é direito autoral.*

Docente J: *Direitos autorais é quando alguém cria alguma coisa e decide como ou se sua criação poderá ser usada por outras pessoas.*

Antes que os docentes respondessem ao questionário, foi trabalhado, em encontro presencial, sobre os direitos autorais, em especial, destacou-se que os direitos autorais das obras intelectuais se iniciam desde o momento da sua divulgação e que diversos Recursos Educacionais Abertos podem conter mensagens como “Conteúdo protegido por direitos autorais de acordo com o disposto na Lei 9.610/98” ou “Todos os direitos reservados”.

É de conhecimento geral que os avanços tecnológicos permitem que todas as pessoas tenham acesso aos mais variados tipos de informação, mas é importante que docentes obtenham esse conhecimento e possam refletir sobre o assunto, conhecer as licenças de uso, fazer uso consciente e dentro dos termos legais. A terceira e última questão foi: “O que é domínio Público?”. As respostas ao referido questionamento encontram-se transcritas a seguir.

Docente A: *É quando uma obra pode ser utilizada por todos, não tem restrição quanto ao uso, reprodução, distribuição.*

Docente B: *Domínio público é um tipo de licença de uso sem restrição.*

Docente C: *Não me recordo muito bem, mas acho que é autorização de uso de algo que foi criado por outra pessoa.*

Docente D: *Quando o direito autoral prescreve, uma obra cai em domínio público.*

Docente E: *Obras que têm licenças de uso livres são de domínio público*

Docente F: *Não respondeu.*

Docente G: *Criações que não têm direitos autorais, ou seja, o autor deixa livre para que as pessoas usufruam de sua criação.*

Docente H: *Materiais elaborados em que o autor deixa as licenças de uso livres ou elas prescrevem.*

Docente I: *Obras intelectuais que podem ser utilizadas pelo público.*

Docente J: *Recursos que podem ser publicados, utilizados por qualquer pessoa.*

Este módulo proporcionou a reflexão sobre as licenças de uso dos recursos educacionais abertos, pois a grande maioria dos docentes não tinha conhecimento sobre o assunto, embora, segundo eles, já tivessem observado os símbolos que indicam as licenças de uso. Alguns docentes relataram que, por falta de conhecimento, já compartilharam materiais com licenças fechadas.

A Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, em seu art. 33 estabelece que: “Ninguém pode reproduzir obra que não pertença ao domínio público, a pretexto de anotá-la, comentá-la ou melhorá-la, sem permissão do autor” (Brasil, 1998). Com este módulo e suas reflexões, foi possível adquirir melhor entendimento sobre as licenças de uso dos recursos que utilizam diariamente em suas salas de aula, e que tudo isso é considerável para que se possa reconhecer não apenas o mérito dos autores, mas também reconhecer educadores e estudantes como autores, na medida em que reaproveitam o conhecimento disponibilizado e o adaptam às suas realidades locais, garantindo o uso dos recursos públicos dentro da legalidade e, acima de tudo, fortalecendo o acesso aos recursos e sua democratização.

4.4 Intervenção: a execução do programa de formação docente

Na roda de conversa inicial, os docentes participantes relataram já terem conhecimento acerca dos Recursos Educacionais Abertos, pois, o material Currículo em Ação, no final de cada unidade, oferece sugestões de ampliação do conhecimento com sugestões de recursos, sendo esta a única visão que conheciam sobre os REA, aquela apresentada nos materiais de uso diário em sala de aula.

No curso de formação foi tratado presencialmente sobre os tipos de licenças de uso dos REA. Os docentes participantes responderam ao questionário no *Google Forms* sobre licenças de uso livres e restritas, direitos autorais e domínio público e a maioria sabia ou já havia lido algo a respeito destas licenças de uso.

As reflexões desta formação proporcionaram melhor entendimento sobre as licenças de uso dos recursos, e tudo isso é considerável para que se possa reconhecer o mérito dos autores, bem como reconhecer educadores e estudantes como autores, na medida em que reaproveitam o conhecimento disponibilizado e o adaptam às suas

realidades locais, garantindo o uso dos recursos públicos dentro da legalidade e, acima de tudo, fortalecem o acesso aos recursos e sua democratização.

[...] os REA têm potencial para desenvolver competências, garantindo o acesso de instituições e educadores, por um custo menor, a meios de produção para desenvolver a sua habilidade em criar materiais educacionais e fazer o devido planejamento para integrar tais materiais em programas de aprendizado de alta qualidade (Furniel; Mendonça; Silva, 2023, p. 10, grifo das autoras).

Os docentes destacaram a importância de pesquisarem na Plataforma Integrada do MEC recursos educacionais para compor seus planejamentos.

5. Considerações finais

Esta pesquisa teve como foco o planejamento pedagógico, pois este é imprescindível para que o processo de ensino e de aprendizagem ocorra em qualquer unidade escolar.

Ficou evidente que o uso destes recursos foi bem aceito pelos docentes e que compreenderam a importância deste uso em razão do advento da tecnologia da informação e comunicação cada vez mais presente no contexto educacional. Na questão norteadora “Como você descreve o uso de recursos educacionais abertos (REA) no planejamento docente? ”, os docentes sinalizaram que o uso dos recursos educacionais abertos é de suma importância no planejamento de aulas, pois as pessoas são expostas a todo o tipo de informação, além disso, a educação precisa tornar os estudantes mais críticos e reflexivos quanto ao recebimento destas informações e sobre poder ou não as compartilhar.

Com o uso de Recursos Educacionais Abertos, os gastos com materiais impressos seriam consideravelmente diminuídos e substituídos por plataformas didáticas, recursos tecnológicos e formação docente para que se obtenham os resultados que permitam inferir pela viabilidade.

Finalizando, a pesquisa cumpriu a sua missão de propor análise da incorporação de Recursos Educacionais Abertos ao planejamento pedagógico através de um curso de formação e externa-se o desejo de que possa contribuir para a educação brasileira, para a reflexão de algo tão importante que é o ato de planejar e possa servir de guia de estudo para profissionais da educação que, frequentemente, se deparam com a difícil tarefa de planejar com um tempo reduzido pela burocracia

dos sistemas de ensino, e assim poderão refletir sobre o ato de planejar com base em dados e opiniões de especialistas no assunto.

Referências

ALMEIDA, M. E. B.; VALENTE, J. A. **Tecnologias e currículo: trajetórias convergentes ou divergentes?** São Paulo: Paulus, 2011.

ARARIPE, J. P. G. A.; LINS, W. C. B. **Competências Digitais na Formação Inicial de Professores.** São Paulo: CIEB; 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 9.610**, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, 1998. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm. Acesso em: 07 jul. 2024.

CARVALHO, R. **As tecnologias no cotidiano escolar: possibilidades de articular o trabalho pedagógico aos recursos tecnológicos.** Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1442-8.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2024.

FURNIEL, A. C. M.; MENDONÇA, A. P. B.; SILVA, R. M. Recursos Educacionais Abertos: conceitos e princípios. (Guia sobre Recursos Educacionais Abertos). **FIOCRUZ.** Disponível em: <https://campusvirtual.fiocruz.br/portal/guiaarea/assets/files/Guia1.pdf>. Acesso em: 24 out. 2023.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, J. C. *et al.* **Educação escolar: políticas, estrutura e organização.** São Paulo: Cortez, 2007.

MACHADO, D.; CAZINI, J. **Inclusão e Educação.** Belo Horizonte: Atena, 2019.

MORAN, J. *et al.* **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas: Papirus, 2000.

PADILHA, P. R. **Planejamento Dialógico: Como construir o projeto político-pedagógico da escola.** São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, E. **Pesquisa-formação na cibercultura.** Teresina: Edufpi, 2019.

SEBRIAM, D. **Iniciativa Educação Aberta.** 2013. Disponível em: <https://aberta.org.br/debora-sebriam-3/>. Acesso em: 09 jun. 2024.

SILVA, A. C. da. Educação e tecnologia: entre o discurso e a prática. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 19, n. 72, p. 527-554, 2011.

SILVA, J. B.; BILESSIMO, S. M. S.; MACHADO, L. R. Integração de tecnologia na educação: proposta de modelo para capacitação docente inspirada no tpack. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 37, p. 1-23, 2021.

STACEY, P. **Creative Commons licenses explained.** 2015. Disponível em https://pt.slideshare.net/Paul_Stacey/bccampus-open-textbook-workshop. Acesso em: 21 de jan. 2024.

VILAÇA, M. L. C.; ARAUJO, E. V. F. **Tecnologia, Sociedade, e Educação na Era Digital.** Duque de Caxias: Universidade Unigranrio, 2016.